

Sonho de Artista

Antônio era um pequenino doente que estava sempre deitado na sua cama, ou sentado, de olhos tristes, na sua cadeirinha verde.

Sabia que no mundo existiam muitas outras crianças que podiam brincar, correr pelos campos, jogar o eixo, saltar a corda; e quando lhe diziam que um desses meninos se aborrecia de estudar as lições ou chorava por qualquer insignificância, dizia, sorrindo, em voz baixa:

— Se eu pudesse andar livremente, correr e saltar como eles, estaria sempre feliz!

E a pobre mãe apoquentava-se por ver aquela pálida carita consumida e aqueles olhos expressivos sempre molhados de lágrimas.

E todos os dias pensava num divertimento, num brinquedo que ajudasse a passar as horas amargas ao seu adorado filho. Certa manhã, ocorreu-lhe comprar uma caixa de tintas.

Antônio recebeu o presente com alegria e em seguida pôs-se a pintar.

Depois voltou-se para a mãe e disse:

— Gostava de pintar as pétalas de uma flor!

— Não é possível, meu filho, as flores têm já as suas cores naturais.

— Mas eu quero pintar uma flor!

E tanto pediu, tanto insistiu, que a mãe foi ao jardim e perguntou timidamente, se haveria alguma flor que quisesse renunciar à sua cor, mudar de tonalidade ou de expressão e compadecer-se do seu pequeno doente.



As rosas nem responderam, na sua altivez serena, tão absurda lhes pareceu aquela doida proposta.

Os lírios, erguidos na sua elegância frágil, declararam que a sua pureza tinha de ser intangível.

E as glicínias, e os cravos, e as tulipas, disseram, diplomaticamente que não era possível imitar o tom caprichoso e belo das suas variadas corolas.

A pobre mãe, ia voltar a casa, desiludida e mais triste, quando ouviu uma voz débil dizer-lhe quase em surdina:

— As minhas flores não são belas mas, se o teu filho se contenta, leva-as contigo, não hesites...

A planta que assim falava tinha grandes folhas verdes e pequeninas floritas de um branco doentio amarelado...

A mãe colheu então um ramo dessas flores e levou-as ao seu filho. Imediatamente, começou a colorir as suas petalazinhas. Era na verdade, um artista.

As tonalidades mais finas mais delicadas e subtis, um cor-de-rosa esmaecido, um azul diáfano, suave, um amarelo vibrante, e muitos outros tons de novidade que nenhuma flor possuía, ele os dava, com singular simplicidade.

Quando acabou, chamou a mãe para lhe pedir que levasse de novo as flores ao jardim

A mãe obedeceu.

Na manhã seguinte, acordou e disse:

— Minha mãe, quero ver se o orvalho da noite manchou aquelas florinhas.

O sol faiscava nos arvoredos e nas plantas. Apenas chegou encheu-se de contentamento, os largos molhos de hortênsias estavam cobertos de formosíssimos tons rosados, roxos, vermelhos, amarelos e azuis.

E por entre aqueles ramalhetes cintilantes de vida, António passou alguns momentos de felicidade, porque só ele instintivamente criara essa beleza renovada, eterna e frágil, discreta e decorativa.